

Delelelelele
II SERIE
N.º 6

REVISTA

DE

MINHO

Delelelelele
II ANNO
1886

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES DIRIGIDA POR

José da Silva Vieira

BARCELLOS

Secção folk-loreica

O SACCO DAS NOZES

(Conto popular)

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua practica aos domingos, e reprehendia os costumes do povo conforme lhe dava goito. De uma vez disse:

—Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandados da Escriptura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo onde pode mais a gallinha de que o gallo. Ora eu tive este anno muitas nozes no passal, e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este mau costume, pode ir ao passal buscar as nozes.

Estava na egreja um homem casado que era muito ralhão, e que tratava a mulher

de mau modo; em casa ninguem abria bico deante d'elle; disse para um que estava á sua beira:

—Nozes ja eu tenho, e é que ninguem m'as tira; pelo menos ninguem cá na freguezia m'as tira.

Chegado ao fim da missa, apresentou-se em casa do abbade. Aqui estou (snr. abbade; não ha ninguem ahí pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

—Eu bem sei o teu viver. E pelo que me toem dito, levavas as nozes. Anda cá, vem encher o sacco.

O homem entrou, e puxou de um sacco meão; diz-lhe o abbade:

O' homem, tu não tinhas lá outro sacco maior do que esse?

—Tinha, sim, senhor,

—Então porque não trouxeste um sacco bem grande?

—Oh senhor, eu trazia; mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho...

Ah, grande tratante, despeja-me já essas nozes, que

não levavas d'aqui nada. Anda, tudo, tudo, e poe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrebellando, por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

THEOPHILO BRAGA.

LOGUÇÕES POPULARES

Ficou a ver navios

Saber o que significam os ríffoes, annexins e dictados é o menos; porque os que os applicam o fazem apropositadamente, conhecer, porem, á sua razão de ser, a origem, a causa, que lhes deu nascimento HOC OPUS, HIC LABOR EST; (traducção que é escusado dar por ser muito conhecida do povo, bastando apenas lembrar que n'ella entram o verbo TORCER, o substantivo PORCA, e outro que é uma parte do dito animal) em summa ir escavar o terreno, onde jaz a raiz do proloquio, isso é que é o mais: MAS O QUE CUSTA É O QUE LUSTRA.

Quem FICA A VER NAVIOS é o que vê perdidos todos os seus capitaes, todos os seus bens: esta é a geral accepção do dictado. As palavras que o formam tomadas na sua natural significação, parecem exprimir coisa di-

versa. Os que lhe não conhecerem o sentido occulto, podem até supôr que a locução ficou a VÊR NAVIOS=quer dizer=buscou uma distração, etc. Mas tal não é: aqui não se deve dizer LATET ANGIS IN HERBIS, porem, LATET ANGIS IN VERBIS.

Viveu em Portugal em tempos que já vão longa certo milionario chamado Pedrossem. Tinha palacios, e terras, e não por dô mas sómente por jactancia dava esmola aos pobres. Tão rico como soberbo, reputava-se quasi um rei.

Esperava dentro em breve a chegada do alterosos galeões que lhe deviam trazer riquezas incalculaveis: como é de regra, não lhe faltavam amigos nem adulaadores, attrahidos pela força magnetica da opulencia.

Eis que um dia sollicitos accorrem alvicaireiros a dar-lhe a fausta nova de que surgiam á barra do Douro as esperadas galeras. Incontinenti erguem-se o archimilionario e seus inseparaveis convivas, e todos se dirigem para gozar do bello espectaculo, que a entrada triumphal da frota deveria produzir.

Então do seu palacio da Torre da Marca Pedrossem avistando os navios, que vinham distantes, disse em uma assomo de blasfemo orgulho: «Agora, ainda que Deus quizesse, não me poderia fazer pobre.»

Palavras não eram ditas, eis que subito tolda-se o ceo, negras nuvens se amontoam, o vento sopra rijo, finalmente, desencadeia-se uma tremenda tempestade! Os mastros manobram em vão; os navios, um por um, sobram todos!

Pedrossem sempre na esperanza de que alguns se salvassem, ficou a VÊR NAVIOS, dos quaes nem um só escapou.

D'este desastre originou-se a ruina do soberbo ricão, que caindo em indigencia, chegou a pedir esmolas. Diz a lenda popular que nas palavras do pobre transparecia ainda o orgulho do rico, por usar elle da seguinte formula: «Esmola para Pedrossem, que ja teve e agora não tem.»

Que este personagem existiu,

não ha duvida; mas que a fantasia do povo muito exaggerou, e fabulou alguns episodios da sua vida, é tambem ponto, que este não deve soffrer controversia.

Applique-se agora EL CUENTO. Dos que perdem todos os seus cabedaes e haveres, e que das eminencias da plutocracia se despeñam no chão da miseria, diz o povo, alludindo maliciosamente á lenda de Pedrossem, QUE FICARAM A VÊR NAVIOS.

Quanto a mim acho melhor NÃO TEL-OS DO QUE ASSIM VÊL-OS.

DR. CASTRO LOPES.



D. FORTUNA E D. DINHEIRO

(CONTO POPULAR)

Continuação do n.º 4

Ao pobre pareceu-lhe um sonho esta generosidade, não corria, voava; a alegria dava-lhe azas nos pés: arribou direitinho a uma padaria e comprou um pão porém, quando foi a tirar a moeda, não achou no bolso senão um agulheiro, porque a moeda safára-se sem fazer as despedidas—á franceza!—

O pobre, desesperado, poz-se a procurar-a, porem, que havia de achar? Ovelha que é para lobo, não ha Santo Antão que a guarde.

Atraz da moeda perdeu o tempo, atraz do tempo, a paciencia; poz-se a amaldiçoar a sua má fortuna.

D. Fortuna não se continha com riso.

D. Dinheiro fez-se mais amarello que o ouro; resignou-se a dar ao pobre uma moeda de ouro.

A este entrou um alegrão n' alma, o coração parecia saltar-lhe pelos olhos.

D'esta vez não foi por pão mas a uma tenda, na qual mercou pannos para vestir a si, filhos e mulher; porém, quando foi a pagar e entregar a moeda, o mercador principiou a dizer-lhe que o dinheiro era falso, e que o do-

no era tambem um moedeiro falso, e que hia denunciar á justiça.

O pobre ao ouvir isto, incendiou-se, e estava com uma cara tão afogueada, que bem se podia n'ella torrar pão; fugiu e veio contara D. Dinheiro o que se passára, chorando.

Ao ouvir-o D. Fortuna desfazia-se a rir, e o D. Dinheiro hialhe chegando a mostarda ao nariz.

—Toma, lhe diz D. Dinheiro, dando ao pobre duas outras moedas de ouro; bem má fortuna tens; porem, eu te hede ajudar ou então bem pouco poder tenho.

O pobre, porém, apenas havia dado alguns passos, quando lhe surge uns ladrões que o deixaram a pedir chuva.

D. Fortuna fazia surriada ao marido, que estava mais corrido que um navio em arvore secca pelo vento.

—Agora toca-me a vez; havemos de vêr quem pôde mais, se as saias ou os calções.

*

* *

Acercou então do pobre, que estava estirado no solo, arrancando os cabellos, e soprou sobre elle.

Em seguida achou debaixo da mão a moeda da prata que havia perdido.

—Em fim do mal o menos, vou-me a comprar pão para os meus filhos, que ha tres dias andam a meia ração, e que talvez a esta hora tenham o estomago mais vasio, como ha pouco ainda as minhas algibeiras.

Ao passar pela frente da tenda em que havia mercado a roupa o mercador o chamou e disse-lhe:

—Que succedendo passar pelo constraste se certificára que a moeda era boa e tão cabal o peso, que mais lhe sobrava que faltava, e portanto que levasse o que havia apartado.

O pobre deu-se por satisfeito e carregou com tudo, mas ao passar pela praça, uma porção de policias levavam preso os ladrões que o haviam roubado e em se-

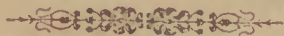
guida o juiz, que era um juiz como Deus manda, fez restituir o roubo ao pobre sem custas nem-sellos.

Pouco depois o pobre interessou com o seu compadre n'uma mina, ainda bem não haviam a profundado tres varas, quando acharam um filão de ouro, outro de prata, chumbo e ferro.

Dentro em pouco, já lhe davam dons, pouco depois senhoria e logo EXCELLENCIA.

Desde então tem D. Fortuna a seu marido amarrado e mettido n'um chinello, e ella cada vez mais leviana, e desastinada que nunca, repartindo seus favores e dons sem tom nem som; á maneira de pau de cego, dá a esmo não tendo nenhuma ainda alcançado o narrador; que pelo menos espera ter para consolo a fortuna de agradar aos leitores.

L. y S.



Os judeus em Portugal

Participão de Bragança:

«Sabe-se que os judeus abundam no districto de Bragança. Ha por aqui povoações, como Azinhosa e Bornes cujos habitantes são quasi todos de procedencia hebraica.

Sabe-se tambem do aferro com que os judeus observam os seus ritos e costumes tradicionaes. Pois bem. Entre essas praticas, subsistem algumas extraordinariamente barbaras a ponto de ser inacreditaveis, taes como a que passo a referir-lhes.

E' o caso que, toda a vez que ha perda absolutamente a esperanza de salvar um doente, a familia d'este, a pretexto de abreviar a agonia, chama um dos individuos conhecidos pela denominação de abafadores e cujo officio consiste em acabar com o enfermo, asphixiando-o! E' espantoso que ainda hoje entre nós se pratiquem monstruosidades d'esta ordem!

Não ha muito, uma judia, sentindo prestes a morte mas não querendo sujeitar-se ao supplicio do abafador, deu alguns valores

a uma creada para que fizesse que a sua vontade fosse cumprida. Ora, arranjou se que a abafador illudisse a vigilancia da serva e a pobre mulher foi submettida ao supplicio; como, porem, á desditosa restassem ainda algumas forças, concentrou-as n'um arranquo supremo, quando o verdugo tratava de abofar, e arranhou-lhe furiosamente o rosto.

Para os srs., é tão estranho, tão monstruoso isto que lhes refiro, que não faltará quem o qualifique de mystificação; todavia, é a pura verdade, que por aqui ninguem desconhece.»

*

* *

Observações sobre o riso

Um observador formulou sobre o riso as seguintes conclusões:

As pessoas que riem em =A= são:--francas, leaes, gostam do ruido e do movimento e tem algumas vezes o caracter versatil e inconstante.

As que riem em =E= são fleumaticas e melancoicas.

As que riem em =I=, o riso das creanças são: pessoas sinceras, serviças, delicadas, timidas e resolutas.

As que riem em =O= são: generosas e indicam valor e arrojo.

As que riem em =U= são: misantropas e desleaes, de quem devemos fugir.

Conclusões: termina o observador, que em excepçoes casos falham. Nota-se principalmente nas crianças que não riem em =I= n'essas é claro que ha excepções.

As nossas amaveis leitoras terão agora occasião do corrigir os seus risos e procurarem aquelles que mais gostarem. Não indicamos nenhum, apenas recomendamos o ultimo, com o mau symptoma para aquellas que quizerem agradar.

Nós escolhemos este:
Oh! Oh! Oh!

*

* *

Costumes orientaes

As mulheres egypcias e tambem as chinezas, são privadas das luzes religiosas e gozam pouco das duçuras da juventude. E' raro chegarem aos treze annos sem estarem casadas.

O mancebo que deseja casar-se informa-se com os paes da noiva acerca do valor em que a avaliam. Este preço varia do nove mil a quinhentos reis a noventa e cinco mil.

Se o pretendente possui a somma requerida, o casamento effictua-se com brevidade; mas se a não tem, elle trabalha com affico até alcançar o preço que representa a companheira escolhida, tratando logo do enxoval da noiva que consiste em muito poucos objectos.

Na vespera da cerimonia nupcial, o enxoval é posto nos varraes d'um carro e assim percorrem com elle as ruas da aldeia ou os bairros das cidades.

O recém-casado é acompanhado por alguns amigos no bando publico e a noiva acompanhada pelas suas amigas. Depois de bando os da noiva dão um grande jantar que consta de carne de carneiro. Todos os convivas comem carne de carneiro e um pedaço é repartido pelos parentes e amigos.

Termina a refeição, a noiva retira-se, o esposo fica em casa oito dias depois começa a vida de familia.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

BIBLIOTHECA DOS POBRES

60 reis cada volume reis 60

Assignatura em todo o reino

Cada volume de 64 paginas, broch e estampilhado para os snrs. assignatura de Lisboa..... 60

Cada volume avulso..... 60

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empreza Rua do "Diario de Noticias", 82, Li

BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO

Este «Boletim» comprehende, além das actas e mais documentos officiaes da Sociedade de Geographia, algumas das mais bellas e muito interessantes e interessantes feitas na mesma sociedade pelo illustre africanista dr. Francisco Antonio Pinto, e muitos outros documentos interessantes, como se acha explicado no prospecto desta publicação.

Junto com cada numero do «Boletim» sahe uma folha, com paginação á parte para formar volume distincto nos «Diarios de Silva Porto» em portuguez illustre que ha mais de trinta annos tem servido a causa da civilisação no interior d'Africa. Estes «Diarios» são até ao presente inéditos, e d'um interesse palpitante.

O «Boletim» publica-se por séries de dez numeros, com 48 paginas cada um, em formato 8.º grande. Sahirá um numero por mez.

Preço da assignatura por cada serie (paga adiantada)

Socios effectivos da Sociedade 500 reis
 Todos os outros assignantes 15000 «
 Numero avulso 200 «

LIVRARIA PORTUENSE, EDITORA

Rua do Almada 123. Porto
 Recbem-se assignaturas.



MINHO

PITTORESCO

POR

José Augusto Vieira



Esplendida edição adornada com mais de 300 desenhos de João d'Almeida, pittorescos typos populares, povoações, bras d'arte, monumentos, etc.) gravados pelos mais celebres artistas nacionaes e estrangeiros; magnificas estampas em chromo a 12 cores, representando costumes; e 6 mapas da provincia (geologico-geographico e dos arvoredos e terrenos inditos, e chorographicos dos districtos de Lameira, Braga e Porto) expressamente lavados.

Publicação quinzenal em fasciculos em capa, 200 rs. em Lisboa, Porto e cidades do Minho, 320 reis em qualquer outro do pais.

Com um brinde a todos os assignantes no fim da obra.

Editor: Antonio Maria Pereira, livraria, rua Augusta 59 a 52, Lisboa.

OS SERVIDOS

DA

CONFISSÃO

POR

CONSTANCIO MIRALTA

(Presbitero)

Traduzidas, prefaciadas e editadas por Clemente Gomes Alves

Está a sahir do prelo. Não é um romance, é uma narração completa de escandalos clericaes, uma photographia exactissima da humanidade, desde os primeiros tempos em qua ella se humillhou aos pés do seu maior flagello—o PADRE!

É um livro que tanto pela insuspeitabilidade do seu aucto, como pelos factos que contém, é digno de ser possuido por todos os que desejam ser conhecidos das miserias do mundo e pelos verdadeiros liberaes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Martinho Gortella redacção da «Discussão»—Porto.

Por assignatura, 500 reis; volume avulso, 600 reis.

Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos—Editor
 Porto—Rua de Santo Ildefonso, 4 a 6—Porto

VICTOR HUGO

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos Miseraveis é o romance de Nossa Senhora de Paris a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendedes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiracão mais sincera e illimitada.

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista portuense, e o exm.º sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 4 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuida em fasciculos semanuaes de 32a paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se aceitam assignaturas viudo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do pais, que dêem abono á sua conducta

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
 Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos
 Editor

Porto—4, Rua de Santo Ildefonso, 6—Porto